

## COMENTÁRIO SOBRE “O QUE FAZER ANTES DE DIFUNDIR A TECNOLOGIA”

Benami Bacaltchuk<sup>1</sup>

As considerações a seguir reportam-se ao texto de Eliseu Alves veiculado na Seção Debates do último número dos Cadernos de Ciência & Tecnologia. Este eminente pesquisador, famoso na Embrapa, também pela sua habilidade em produzir conceitos polêmicos, sempre nos reserva uma surpresa. Mesmo quando propõe algo de que estamos necessitando, sua atitude nos parece um desafio. E normalmente reagimos com veemência: mais uma “bomba” do Eliseu.

No entanto, a proposta de se criar comitês de avaliação de tecnologias numa unidade de pesquisa, apesar de não ser original, parece-nos uma idéia considerável. As empresas privadas, principalmente as da área de sementes, usam este método para tomar decisões sobre recomendação de sementes genéticas, híbridos, ou outras tecnologias. A grande maioria dessas empresas instala lavouras de demonstração onde se realizam dias de visita ao campo, oportunidade em que um seleto grupo de técnicos e clientes opina sobre os produtos ou manifesta as suas escolhas.

Na verdade a proposta apresentada é mais complexa. Ela prescreve dois comitês: um interno e outro externo para, entre outros parâmetros, fazer análise econômica da tecnologia. Na verdade, para ser mais exato, fazer análise econômica, de impacto ambiental, de exequibilidade (disponibilidade, preço, simplicidade, nível de esforço) e, finalmente, análise de impacto social.

Os novos parâmetros de planejamento estratégico, propostos, por Maurício Lopes, chefe do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa, enfatizam a necessidade de se ter uma visão crítica do futuro, considerando, entre outros importantes parâmetros, as significativas mudanças comportamentais que a sociedade vem sofrendo. O conceito de *people power*, ou *empowerment*, já era usado no início da década de 90, referindo-se ao público que tem consciência dos seus direitos, ou pelo menos daquilo que não aceita, exercendo pressão legítima para fazer valer os seus interesses. Desta forma, devemos incluir na análise proposta por Eliseu Alves, o componente “percepção do cliente”.

<sup>1</sup> Eng. Agr. Ph.D em Comunicação de Massas e Jornalismo Rural, Chefe Geral da Embrapa Trigo, Cx. Postal 451, 99001-970, Passo Fundo, RS. Brasil e-mail: benami@cnpq.embrapa.br

O comitê externo previsto no modelo Eliseu é composto por representantes dos produtores, dos diferentes segmentos do agronegócio, antes e depois da porteira, além de representantes dos consumidores, enfim, de todos os segmentos que compõem a cadeia produtiva.

A Embrapa Trigo, está propondo um modelo de pesquisa que já leva em conta todos os componentes realçados na proposta defendida por Eliseu Alves. Baseia-se no Modelo de Gestão Estratégica – MGE –, segundo o qual a pesquisa nasce da percepção de necessidades demonstradas pelos usuários, ou demandantes do conhecimento, de uma leitura do ambiente externo, dos consumidores finais e intermediários das tecnologias produzidas. Nesta perspectiva, é claro que a pesquisa deve ficar restrita ao foco estabelecido pela instituição.

Os projetos/subprojetos iniciais são atividades de desenvolvimento do conhecimento inicial. Desenvolvimento de germoplasma básico, protótipos de processos e equipamentos, novas formulações de insumos, etc. Estes processos, quando considerados “prontos”, são transferidos para os programas de criação de tecnologias. Estas criações consistem em produzir cultivares para o foco institucional, que no caso Embrapa Trigo, seria trigo para pão, trigo brando (para biscoitos e bolos) e cereais para fins forrageiros. Quando estas tecnologias são consideradas concluídas, são transferidas para o projeto de descrição/legalização/documentação do produto de propriedade exclusiva da Embrapa ou partilhada com seus parceiros de geração. As ações são, no caso de cultivares, testes de Valor de Cultivo e Uso – VCU – e Descrição, Homogeneização e Estabilidade – DHE –, registro e proteção e as ações similares, no caso de serem outros os fatores tecnológicos. A quarta fase se concentraria no desenvolvimento da tecnologia, quando seriam estudadas as formas de otimizá-la e na sua validação. Este processo significa, por exemplo, no caso de uma nova cultivar conhecer o seu potencial (produtividade, fatores qualitativos), suas deficiências (susceptibilidades a doenças, altura, etc.), descrição e aplicação destes conhecimentos, por meio de áreas de validação (lavouras de observação). É no segmento validação que o proposto comitê deveria ter sua ação executada. E finalmente o processo, produto ou serviço seria disponibilizado para os procedimentos de marketing e comercialização.

O fundamental para a eficácia da ação dos comitês propostos por Eliseu Alves é que estes tenham representatividade, visão estratégica, compreensão do comportamento social e percepção dos indicadores que, de fato, caracterizam os fatores de análise da tecnologia. Desta forma certamente, teríamos oferta de tecnologias com mais segurança e foco e talvez pudéssemos, agora, compreender o que Eliseu quer dizer com vis-à-vis.